

Referências Bibliográficas

ACHÚGAR, Hugo. A nação entre o esquecimento e a memória: para uma narrativa democrática da nação. In: _____. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 151-166.

ACHÚGAR, Hugo. O lugar da memória: a propósito de monumentos (motivos e parênteses). In: *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 167-183.

ARFUCH, Leonor: *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

_____. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1986.

_____. A morte do autor. In: *O rumor da língua*.

_____. Da obra ao texto. In: *O rumor da língua*.

_____. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

_____. *A preparação do romance*. Trad. Leyla Perrone-Moisés, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Variações sobre a escrita. In: *Inéditos*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BLANCHOT, Maurice - *O livro por vir*.

BLANCHOT, Maurice. A solidão essencial. In: *O espaço literário*.

CABRERA, Paul Ravelo. Lyotard y la “condición postmoderna”. In: *El debate de lo moderno postmoderno*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1996. p 6-15.

CÉSAR, Ana Cristina. *Crítica e tradução*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

CHARTIER, Roger. *Os Desafios da Escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CORTÁZAR, Julio. *Fim do mundo do fim*. In: Histórias de cronópios e de famas. Trad. Gloria Rodríguez. 13^a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p.66-68.

DEL Rey, Patrícia. *Entreaberta: (sf.) ato de entreabrir; descobrimento do céu em um dia enevoado*. Brasília, 2011.

JAMESON, Frederic. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, E. Ann, org. *O mal estar no pós-modernismo: teorias e práticas*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p.25-44.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JENKINS, Henry. *Cultura de Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009. 2ed.

KLINGER, Diana. Esritas de si – o retorno do autor. In: _____. *Escritas de si, escritas do outro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, p. 19-62.

LAING, R. D. Identidade complementar. In: *O eu e os outros*. Petrópolis: Vozes, 1986.

LINK, Daniel. Apostillas a ¿Qué es un autor? In: FOUCAULT, Michel. *¿Qué es un autor?*. Córdoba: Ediciones literales, 2010.

LOBO, Luiza. *Segredos Públicos: os blogs de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MOLINA, Cristian. *Blog*. Rosario: Tropofonia Editorial, 2012.

MONTERO, Rosa. *La loca de la casa*. Madrid: Santillana Ediciones, 2003.

MORDUCHOWICZ, Roxana. Los adolescentes y las redes sociales: la construcción de la identidad juvenil en Internet. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

OBRIST, Hans Ulrich. *Entrevistas*. Cobogó: 2011, Vol. 5

ROSA, Gabriel Artur Marra e Santos, Benedito Rodrigues. *Facebook e as nossas identidades virtuais*. Brasília: Thesaurus, 2013.

SÁNCHEZ, Yoani. *De Cuba, com carinho*. Trad. Benivaldo Araújo e Carlos Petrolini Jr. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____. *A democratização no Brasil (1979-1981)*.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIBILA, Paula. *O show do eu. A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOUZA, Eneida Maria de. A teoria em crise. In: *Crítica Cult.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

VIEGAS, Ana Cláudia. *Diários na rede - escrita contemporânea entre vida e obra, tela e página.* In: *Matraga.* p 141-155

VIEGAS, Ana Cláudia. *Escritas on-line: novos modos de circulação da literatura contemporânea.* Abralic. Disponível em:

<[http://www.avatar.ime.uerj.br/cevc1/artigos/Textos%20Abralic%20\(Ana%20%20Claudia\).doc](http://www.avatar.ime.uerj.br/cevc1/artigos/Textos%20Abralic%20(Ana%20%20Claudia).doc)> Acesso em: mar. 2014.

YUDICE, George. *O Pós-moderno em debate.* Entrevista para Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda (UFMG), e Roberto Barros de Carvalho. *Ciência Hoje*, vol.11, n.62, 1990.

Anexo I - Entrevistas

Cada um sabe a dor e a delícia de escrever o que é

Alice Sant'Anna

25 anos, poeta, geminiana, carioca, mestre em Letras pela PUC-Rio.

Mantinha o blog “pra não ficar na gaveta”¹, que não mais atualiza, cujo título nos remete aos blogs como espaço de experimentação e divulgação de escritos antes guardados consigo. Lançou três livros de poesia - sendo o primeiro, *dobradura*, com nome do endereço de seu blog; o segundo, independente; e o terceiro, o lindo *Rabo de baleia* (nome que figura em um poema postado em seu blog em 2011, presente também no livro), lançado pela Cosac Naify e eleito o melhor livro de poesia de 2013 pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Trabalha na revista *Serrote*, do IMS e colabora para o jornal *O Globo*.

Como conheci Alice:

Conhecia Alice de vista porque sabia que ela era poeta e por ler alguns de seus poemas no jornal literário *Plástico Bolha*, organizado por alunos da PUC-Rio, onde colaborei e que distribuí algumas vezes em Niterói, onde eu morava. Também já havia visto Alice em uma apresentação musical, abrindo um show da banda Letuce (da qual Letícia Novaes, citada neste trabalho, faz parte). Algumas vezes a vi lendo poesias no CEP20000, organizado por Chacal, no Teatro Sérgio Porto, onde me apresentei algumas vezes também. Mas Alice não me conhecia. Nos conhecemos neste curso de Mestrado, fizemos algumas aulas juntas e Alice tornou-se uma pessoa querida para mim, a quem admiro e quero bem. Enquanto estive no intercâmbio na Argentina, Alice foi para os Estados Unidos e conversar com ela algumas vezes, via facebook, era um conforto para a saudade brasileira e a angústia dissertativa. Além disso, ambas tivemos a sorte de termos Marília como nossa orientadora nessa jornada.

Entrevista enviada em anexo por mensagem privada no facebook:

¹ Disponível em: <<http://www.adobradura.blogspot.com.br/>> - último texto publicado por Alice no site em 16/12/2011

1- Sei que pode ser uma pergunta difícil mas... Por que você tinha um blog?

Para organizar o que eu andava escrevendo. Nunca organizei os poemas em pastas, ficava tudo bagunçado, por isso achei bacana a ideia de armazenar por dia. Assim, quando queria ver o que produzi em outubro de 2006, era só buscar pela data. Além disso, o blog era uma espécie de cartão de visita, uma maneira de me apresentar pré-livro. E também um modo de conhecer as pessoas que também escreviam, trocar ideias.

2- Tem/teve algum diário, agenda ou caderno? (Continua a tê-los?)

Tive tudo isso, não tenho mais.

3- Escrevia primeiro no papel, no computador, ou direto no blog? Como era o processo?

No começo só escrevia no caderno. Aos poucos, passei a escrever direto no computador. E hoje em dia quase não escrevo mais no papel. O computador me deixa mais crítica, como se o texto fosse de outra pessoa. Acho que o crivo fica maior.

4- Que horário costumava postar mais? Precisa isolar-se para escrever?

Durante o dia. Isolada, mas com gente em volta. Não gostava de escrever no quarto sozinha – só diário, não poesia. Gostava de escrever no ônibus. Ou em lugares barulhentos, com barulho ao redor. Mas cada época é diferente da outra: o primeiro livro escrevi todo no ônibus indo para o trabalho, o segundo escrevi no computador, em lugares públicos, e o terceiro, que ainda não publiquei, escrevi viajando, no quarto ou na biblioteca.

5- Costumava alterar o texto depois de publicar no blog?

Sim, o blog era quase um rascunho. O livro era a forma final.

6- O que costumava escrever? Revelava segredos?

Poema. Sim, segredos, mas segredos publicáveis. Isso existe?

7- E salvava esses escritos? Ou sempre os tinha antes de postar...?

Salvava, sim.

8- Relia o que escrevia? O blog funcionava para você como um arquivo de memória?

Relia, mas nem sempre “usava” o poema depois (nem sempre publicava em livro).

9- Lia (e respondia) os comentários no seu blog (se os permitia)? Visita outros blogs? Comenta?

Lia todos os comentários do meu blog, claro. Alguns que me deixavam feliz e outros, nem tanto. Visitava outros blogs, sim. Foi assim que conheci a Bruna Beber e a Ana Guadalupe, que depois se tornaram minhas grandes amigas.

10- Tinha preferência de que seu blog fosse lido por amigos ou desconhecidos?

Não tinha preferência.

11- Refletia mais antes de postar algo mais íntimo por saber que havia leitores?

Todo poema é íntimo. Não refletia muito, era um blog meio adolescente. Hoje eu pensaria mais. Todo poema, pelo menos o que eu escrevo, é muito confessional. Mesmo quando é disfarçado.

12- O que acha dessa escrita íntima divulgada publicamente?

Acho que não é só isso que conta, a intimidade. É como falar sobre a intimidade. Pode ser muito corajoso e bom, ou pode ser corajoso e não ter tanto impacto. Depende de como é feito. Qualquer tema, por si, pode ser interessante ou desinteressante, o que muda é a maneira como é tratado, eu acho.

13- O blog funcionou de alguma forma como um teste da escrita (e público) para os livros?

Sim, pra mim foi um começo muito importante. Uma prévia do livro. Mas acho que cada um tem uma experiência com o blog: nem sempre o blog é só essa ponte, muitas vezes é a forma final por si. E ainda temos muito o que explorar por aí.

Letícia Novaes

32 anos, carioca da Tijuca, capricorniana, compositora e cantora da banda Letuce, apresentadora e atriz.

Letícia mantém o blog “Donzelice”², e escreve mensalmente no site coletivo “Ornitorrinco”³, fundado no início de 2011 e que, no ano passado, publicou um livro com uma seleção de textos, incluindo o dela.

Como conheci Letícia:

Conheci Letícia primeiro na música e logo depois na escrita, via blog, e tempo depois, na vida. Para mim é sempre um prazer lê-la e ouvir suas ideias e blablablás. Capricorniana com ascendente em virgem (eu sou o reverso), tem um jeito de escrever muito bonito, sincero, um abraço. Sempre achei esse nome bonito, Letícia significa alegria, que ela traduz tão bem e enche olhos e bocas d'água. Quando penso nela, imagino amarelo, sol, sorriso, verão, violão. Letícia escreve memórias para o futuro dos sobrinhos; recorda memórias passadas (meus textos preferidos e que tantas vezes me fazem chorar e amar a criança que foi/é); coloca seu olhar sobre o presente e as miudezas e grandezas dessa vida; além de compor canções que embalam sonhos, cores e nuvens. Aguardo (como muitos) seu livro.

Pequena entrevista via bate-papo do facebook, 09/07/13:

Aline Miranda 21:34

xuxu, posso te perguntar duas ou três coisas sobre teus escritos no donzelice? beijos, objeto de estudo.

Letícia Novaes 23:41

pode, claro.

diga lá

Aline Miranda 23:46

² <www.donzelice.blogspot.com> Acesso em: mar. 2014.

³ <<http://www.ornitorrinco.net.br/search/label/Let%C3%ADcia%20Novaes>> neste link é possível ler todos os textos publicados por Letícia no site.

não que seja simples responder, mas: Por que você escreve em um blog? Você teve diários ou agendas durante a vida?

Letícia Novaes 23:47

sempre tive diários e agendas. e ainda tenho. escrevo blog porque me pareceu uma evolução do diário e das agendas. e porque me conecta, de alguma maneira ínfima, a outras pessoas que gostam de literatura.

Aline Miranda 23:48

Você comenta em outros blogs? Lê outros blogs?

Letícia Novaes 23:48

sim

não comento sempre

mas leio alguns

Aline Miranda 23:49

E quando escreve uma lembrança de algum acontecimento de sua infância (é o que mais usarei do teu blog) é para guardar de alguma forma uma memória passada, para não esquecê-la, ou outro motivo? Você se reconhece de alguma forma na criança que foi (é)?

fim, merci!!!!!!

Letícia Novaes 23:51

acho que sim, escrevo para guardá-la e é um pouco mais rápido digitar do q escrever a caneta, então para registrar uma lembrança assim, prefiro digitar

e acho q seria lindo minha filha ou filho ler isso no futuro

pq eu li o diário da minha mãe quando eu tinha uns 18 anos, foi muito impactante

minha mãe, antes de mim, antes de sonhar comigo...com 14, 15 anos, vivendo uma vida classe média, mas na época da ditadura, sem saber o q queria da vida. foi forte

Aline Miranda 23:52

uau!

Letícia Novaes 23:53

eu nunca falei pra ela q eu li

engraçado, não sei pq

mas foi importante ter lido

Aline Miranda 23:54

você já escreveu um texto sobre seus sobrinhos e em dado momento dizia algo como "ele me contou um segredo mas não vou escrever pq ele vai ler um dia". você pensa em

mostrá-lo? já escreve pensando em quem poderá ler? e não tem medo de, por ser um blog, de repente dar um bug e tudo se perder?

Letícia Novaes 23:56

penso em mostrar sim. mas seria mais legal se descobrissem sozinhos.

não escrevo pensando em quem vai ler

escrevo pra mim antes

eu tenho tudo registrado, acho

mas se tudo se perder também...é a vida

Aline Miranda 23:57

escrever é uma forma de autoconhecimento, talvez? você volta a reler o que escreve?

Letícia Novaes 23:58

sim

eu releio. tempos depois

rio, tenho vergonha, mas não mexo mais

(...)

Aline Miranda 23:59

e posso colocar no trabalho q vc leu o diário da tua mãe? ela nunca vai ler minha dissertação ;P

Letícia Novaes 10/7/2013 00:00

claro q sim

imagina

Aline Miranda 00:01

imaginei, mas tinha que perguntar

buenas noches

besos

Letícia Novaes 00:02

okay

quero ler no final. Beijo

Mariáh Oyarzabal da Luz

28 anos, gaúcha, libriana, graduada em Letras e mãe do Fernando.

Mariáh mantinha o blog “Cartas ao meu bebê”⁴, prestes a virar livro. Hoje escreve, com pouca frequência, no blog “Mulherada no Café”⁵.

Como conheci Mariáh:

Conhecemos-nos graças aos excelentes encontros de estudantes de Letras que permearam todos os meus cinco anos de graduação, fundamentais na minha formação (não tão academicamente falando). No ano de 2009 fiz parte da comissão acadêmica que sediou o Encontro Nacional dos Estudantes de Letras (ENEL), na UFF, em Niterói, onde eu estudava. Antes disso, Mariáh, estudante da Universidade Federal de Santa Maria - RS, e uma das representantes nacionais desses encontros, veio a Niterói acompanhar os preparativos. Por ela ficar hospedada na casa de amigos, acabamos nos aproximando. Ainda faríamos uma mesma viagem para um encontro regional em Viçosa - MG. Soube da sua gravidez através do facebook, onde ela compartilhou o link de sua primeira carta. Foi emocionante e lacrimal a leitura, e assim, longe, acompanhei as notícias dela e de Fernando (nome em homenagem aos ilustres escritores Fernando Pessoa e Caio Fernando Abreu). Hoje Mariáh está casada, Fer cresceu, este blog não está mais no ar (pelo motivo que ela explica na entrevista), mas o livro está por vir e outro blog, menos atualizado, persiste.

Entrevista via email. Resposta recebida em 13/02/2014 02:53

Filho doente, mãe não dorme... O Fer tá com a garganta inflamada, dois dias de febre, aí to cuidando a temperatura pra não subir mto de noite. Acho que amanhã o antibiótico começa a fazer efeito.

Estamos bem, fora isso =)

E por aí? Tudo certo?

Então vamos às respostas:

1- Sei que pode ser uma pergunta difícil mas... Por que você tem um blog?

⁴ Retirado do ar pela autora.

⁵ <<http://mulheradanocafe.blogspot.com.br/>> Acesso em: mar. 2014.

Na época que comecei a escrever no blog, eu estava passando por muitas mudanças e sempre tinha alguém querendo saber como eu estava me sentindo. Aí resolvi escrever publicamente para não ter que falar para pessoa por pessoa. (Perdeu o gramur todo, né?)

2- Tem/teve algum diário, agenda ou caderno? (Continua a tê-los?)

Sempre tive diários, desde que aprendi a ler. Às vezes ainda escrevo em algum lugar, mas sem uma frequência definida e sem um controle certo - devo ter vários pedaços de mim espalhados pela casa.

3- Escreve primeiro no papel, no computador, ou direto no blog? Como é o processo?

Quando eu ainda tinha o blog, eu escrevia direto lá. Eu uso muitas referências enquanto escrevo e minha memória não ajuda tanto quanto eu gostaria, então escrevo pesquisando no google sobre determinado assunto, buscando imagens, inspirações. Se o texto é para ser visto por alguém além de mim, o processo é este. Quando eu escrevo só para espairer, faço direto no papel, sem pesquisa, apenas transcrevo o que estou sentindo/pensando.

4- Que horário costuma postar mais? Precisa isolar-se?

Eu gosto de escrever de madrugada, por causa do silêncio. De dia sempre tem algum barulho, telefone tocando, alguém me solicitando. A noite eu sinto que o meu tempo é meu mesmo, aí fica mais fácil escrever. Não é necessariamente uma busca por um lugar isolado, o próprio período da madrugada me proporciona isso.

5- Costuma alterar o texto depois de publicar no blog?

Altero só se alguém me avisa sobre algum erro gramatical ou de concordância que passou longe dos meus olhos na última leitura antes da publicação.

6- Revela segredos? De que tipo? Que contaria para amigos próximos, analista, parceir@?

Eu conto tudo sempre. Exatamente o que gostaria de falar, o que estou pensando. Por isso tive que parar de escrever no blog. Antes eu abria a minha vida pro mundo, agora tenho marido e filho e fica complicado expor outras pessoas.

7- E salva esses escritos? No computador, imprimindo, salvando em hd externo...?

Eu assino a minha própria newsletter para que fique salva no e-mail para sempre.

8- Relê o que escreve? O blog funciona para você como um arquivo de memória?
Às vezes eu preciso reler pra conferir algo que já havia dito anteriormente, mas odeio reler. Eu escrevo pra me livrar do que estou pensando, quando coloco no papel (ou num arquivo de computador) é lá que eu quero que fique, não gosto de voltar àquilo.

9- Lê (e responde) os comentários no seu blog (se os permite)? Visita outros blogs? Comenta?

Sempre lia os comentários e respondia. Tive apenas um anônimo e ofensivo que achei que não merecia aquele espaço e não publiquei. Também passava por outros blogs e comentava. Ainda faço isso, quando acho necessário dar alguma contribuição.

10- Tem preferência de que seu blog seja lido por amigos ou desconhecidos?

Não tenho.

11- Reflete mais antes de postar algo mais íntimo por saber que há leitores?

Antes não pensava nisso, apenas escrevia. Agora penso na minha família.

12- O que acha dessa escrita íntima divulgada publicamente?

Eu acho bacana quando a pessoa escreve sobre si, mas vejo problema com a exposição de outras pessoas. Meu blog estava inserido na blogosfera materna (sim, ela existe e é enoorme) e ainda hoje me assusto com a quantidade de informações que as mães compartilham sobre os filhos. Fico pensando no futuro se essas crianças gostariam que todos soubessem como foi o seu desfralde ou

como era o seu cocô nos primeiros dias de papinha - para ficar só no setor escatológico.

13- Pensa em publicar um livro? O blog funciona como um teste da escrita e público?

Nunca pensei no blog como um teste para escrita, mas ele irá se tornar um livro sim. Penso sobre escrever outros livros, sem essa passagem por blog antes, mas falta ao mercado editorial brasileiro fazer mais apostas nos anônimos escritores, não apenas nos que já fazem algum mínimo de sucesso na rede.

Era isso, Mirandão? Espero ter ajudado! Saudade

Mando fotos do meu gatão =>



Figura 11 – Foto enviada por Mariáh

Ana Enne

47 anos, niteroiense, ariana, professora do departamento de Estudos Culturais e Mídias e do programa de pós-graduação em Cultura e Territorialidades da UFF, graduada em Comunicação Social pela PUC-Rio e doutora em Antropologia pela UFRJ.

Escreve opiniões e comentários muito populares no facebook e mantém os blogs Baiúca do Baudelaire⁶ e outro, acadêmico, do seu grupo de estudos GRECOS (Grupo de Estudos sobre Comunicação e Sociedade)⁷.

Como conheci Ana:

⁶ <<http://www.baiucadobaudelaire.blogspot.com.br/>> Acesso em: mar. 2014.

⁷ <<http://www.blogdogrecos.blogspot.com.br/>> Acesso em: mar. 2014.

Ana Enne é popular. Suas aulas são sempre disputadas. Alunos e amigos dizem que ela tem “personalidade forte”, o que significa que quando fala, todos param para ouvi-la. Tem sempre algo a dizer. Domina bem as palavras. A mãe de uma amiga diz que sempre lê no facebook da Ana suas opiniões sobre os fatos que estão acontecendo, por ser uma ótima fonte de se manter atualizada. Ela é uma formadora de opiniões, influente entre seu grupo de amigos e nem-tão-amigos no facebook (e na vida “real” também). Ana dava aula para alguns amigos meus que moravam na Casa Verde, residência situada em uma vila próxima aos campus de Letras e de Mídias, que agregou muitas conversas, compartilhou muitas histórias, amores, festas, encontros e desencontros. Mais encontros. E foi nesse ambiente acolhedor que conheci Ana Enne, sempre com ótimos conselhos, idéias e opiniões de quem encara a vida de frente e já viveu toda a efervescência que vivíamos no momento. Em dezembro de 2009 fizemos uma ceia de natal na casa, com todos os moradores e frequentadores assíduos, e, de amigo-oculto tive a sorte de receber um presente (esperado por todos) da Ana Enne: o livro “Desonra”, do J.M. Coetzee, que ela dedicou a “outras bagatelas”, o nome do meu blog e meu apelido no twitter e instagram, e cabe bem eu reproduzir aqui suas palavras sobre nosso contato inicial via redes sociais da internet:

“Querida ‘Outras Bagatelas’, vejo, em nossa amizade que nasceu via twitter, que você ama várias coisas que amo, música, literatura, piadas, amigos... Fico feliz por novas tecnologias permitirem que a gente viva velhos sentimentos: afinidade, partilha, amizade. Beijos grandes, gosto muito de ti! Feliz Natal. Ana N Amy Wine... 2009”

Entrevista enviada via mensagem privada no facebook:

1- *Sei que pode ser uma pergunta difícil mas... Por que você tem um blog?*

Primeiro eu fiz um blog por curiosidade, pra ver qual era a da ferramenta. Tentei criar em 2004, olha o primeiro post, de 29 de fev: “Fazendo a estréia do blog. Vamos ver se agora sai. :)”.

Só que num saiu disso, num rolou. Aí em 2009 comecei a fazer terapia e fui me reaproximando do meu desejo de escrever, falar as coisas, me expressar. E acabei encontrando um caminho pra isso no blog, que realmente me ajudou mt. Tanto que 2009 é o ano em que tenho o maior número de publicações (40). Depois essa

necessidade meio visceral de me expressar foi melhorando, mas resolvi manter o blog como um caminho de expressão pessoal, tem um caráter hoje meio de desabafo, resmungo, mas muito mais de ser um espaço de exercício de uma escrita sobre o que vejo, penso, sinto, leio, conheço. Enfim, é pra mim um canal de expressão e que me reconciliou com o mundo da escrita.

2- Tem/teve algum diário, agenda ou caderno? (Continua a tê-los?)

Não, nunca tive. Mas sempre escrevi mt, especialmente cartas para os amigos e poesias. Quando passei a trabalhar em jornal e depois na vida acadêmica acabei aprisionando meu texto, custei mt a voltar a escrever poesia, textos mais autorais, esses infernos de formatos de texto institucionalizado, jornal, academia, embotam a gente. Mas num encaro o blog como diário, encaro mais como um caderno público pra me expressar.

3- Escreve primeiro no papel, no computador, ou direto no blog? Como é o processo?

Direto no blog. Coloco o título. Escrevo o texto. Releio. Coloco imagem ou vídeo, quando é o caso. Releio mais umas cinco vezes. Ajeito o que acho q precisa, erro, frase mal estruturada, acrescento, corto, edito. Posto. Releio mais umas duas. Edito mais uma vez. Hahahaha. Gasto mais tempo relendo e editando do que escrevendo, porque escrevo muito rápido, num solavanco, bem ariana. Mas por isso mesmo preciso reler mt (mesmo método que uso quando faço textos mais longos no FB⁸). Aliás, uso o FB mt como blog tb, pra me expressar. A diferença é q coloco no blog o que gostaria que permanecesse, que não sumisse no fluxo do FB.

4- Que horário costuma postar mais? Precisa isolar-se?

Só posto quando tenho tempo livre pra escrever e, principalmente, cumprir o ritual da edição que descrevi acima. Pra um post levo mais ou menos de uma a duas horas, então, preciso de tempo. Aí num tem um horário fixo, mas brechas na rotina. E escrevo qdo estou sozinha, pra poder ficar com mais liberdade e não ser interrompida, o q atrapalha no fluxo da escrita.

⁸ Abreviação de “facebook” que, confesso, nunca tinha utilizado.

5- *Costuma alterar o texto depois de publicar no blog?*

Sim, quase sempre na mesma hora em que escrevo, como expliquei acima. Mas já editei depois tb, apaguei vestígios de amor, complementei, mudei trechos que me pareceram indevidos posteriormente.

6- *Revela segredos?*

Não exatamente, mas me exponho.

7- *E salva esses escritos? No computador, imprimindo, salvando em hd externo...?*

não, deixo só no blog. Agora vc me alertou pra isso, gente! Pode sumir, né? Vou salvar alguns, sim. Mas num fazia antes, não.

8- *Relê o que escreve? O blog funciona para você como um arquivo de memória?*

Sim, releio vez por outra. Funciona como um arquivo de memória, com certeza. E também como um estímulo pra que eu continue a escrever, por isso tb releio. E gosto do que eu escrevo, me envaidece reler, confesso. ☺

9- *Lê (e responde) os comentários no seu blog (se os permite)? Visita outros blogs? Comenta?*

Leio, por vezes respondo, mas nem sempre. Leio sem mt compromisso, alguns coments só vou ler mt tempo depois. Não tenho exatamente um blog popular, portanto, a média de leitores dos meus posts é a de 40, 50 pessoas. Então, não rola uma hiper interação. Acho que escrevo mais pra mim mesma, embora também divulgue. Permito comentários, mas apago todos os ofensivos ou anônimos, a não ser os anônimos que preferem ficar assim mas eu sei quem tá escrevendo. Visito outros blogs, tenho hábito de ler, sigo alguns e comento de vez em quando. Mas leio mais do que comento.

10- *Tem preferência de que seu blog seja lido por amigos ou desconhecidos?*

Prefiro que seja lido por amigos. Tenho um pouco de nervoso de saber q ele é lido por desconhecidos, mas me acalmo pq entendo que isso é a internet, céu e inferno, vamos em frente. Mas adoro quando meus amigos estão lendo e comentam. E

reservo o meu blog pra assuntos totalmente pessoais, tenho um outro, o Blog do GRECOS, para posts acadêmicos. Me esforço mt para manter esses mundos, ao menos formalmente, separados, embora evidentemente eles se embaralhem. Então, a interação que espero é bem pessoal mesmo.

11- *Reflete mais antes de postar algo mais íntimo por saber que há leitores?*

Quase sempre reflito mt antes de postar qualquer coisa. Esqueci de falar isso qdo falei da minha metodologia de escrita. Eu fico escrevendo antes na minha cabeça, às vezes por dias (isso vale também pros meus escritos acadêmicos), antes de colocar no blog, isso acontece com a maioria dos meus posts. Engraçado que isso não acontece com os do FB, são mais espontâneos, explosivos. Os posts do blog, mais íntimos ou não, quase sempre são precedidos por uma longa reflexão e elaboração mental.

12- *O que acha dessa escrita íntima divulgada publicamente?*

Como disse acima, acho fascinante ter esse canal mas tb acho meio assustador. Mas procuro não pensar mt nisso pq acho que a vida já é mt complicada, então, procuro relaxar e não ficar mt neurótica com isso. Mas adoro poder me expressar pro mundo, embora tema o que o mundo pode fazer com o que a gente expressa.

13- *Já pensou em publicar um livro?*

Na verdade, já pensei em publicar de poesia, quando era mais nova. Depois passei a achar isso meio bobagem. Nunca pensei em publicar os escritos do blog, acho que num rola. Enfim, por agora é isso, mas pode mudar.

14- *Algumas coisas que você escreve no blog compartilha depois no facebook. A interação é diferente?*

Sim, bem diferente. No FB é mais imediato, povo comenta na hora, é rápida a interação, mas acho menos intensa. Quem lê e comenta no blog em geral escreve comentários maiores, mais intensos. Dependendo do post num compartilhado aberto no FB, só coloco o link. Mas gosto da dupla possibilidade de interação, a que o blog traz e o FB tb. Na verdade, eu sou fascinada por escrita e por internet, então, me sinto mt bem em usar essas ferramentas, mesmo entendendo que elas fazem

parte de um show do eu complexo. Mas me sinto bem nesse papel, não me incomoda, em geral. E adoro poder, além de escrever sobre mim, sobre minhas memórias e resmungos, falar dos livros que li, dos programas que assisto, das coisas que cozinho, enfim, é legal esse espaço para me expressar. E para efeitos terapêuticos foi fundamental.

Ivana Arruda Leite

63 anos, paulista de Araçatuba, geminiana, escritora, mestre em Sociologia pela USP.

Publicou 12 livros⁹, entre eles alguns de literatura infantil e juvenil, participou de dezenas de coletâneas e organizou duas. Finalista do Prêmio Jabuti em 2006, foi colunista da *Folha de São Paulo* e desde 2005 mantém o blog “Doidivana”¹⁰, onde publica poesias, contos, crônicas, opiniões e, recentemente, fotos familiares antigas retratando férias e aniversários.

Como conheci Ivana:

Não conheço Ivana pessoalmente. Acompanhava frequentemente seu blog. Depois, passei a “seguir” a @doidivana no Instagram¹¹. E foi a partir de uma foto antiga publicada em sua conta, cuja legenda dizia “no meu blog tem mais”, que voltei a visitar seu blog, descobrindo inúmeros textos que não conhecia.

Entrevista enviada via email após comentário meu em seu blog:

1- Sei que pode ser uma pergunta difícil mas... Por que você tem um blog?

Abri o blog em janeiro de 2005. Em 2004 eu escrevia na Revista da *Folha*. Quando eles me dispensaram eu resolvi inaugurar o Doidivana para manter contato com meus leitores.

⁹ Disponível em seu blog, <<http://doidivana.wordpress.com/meus-livros/>>, que merece visita, há a lista, com imagens das capas, de seus livros e antologias.

¹⁰ <<http://doidivana.wordpress.com/>> Acesso em: mar. 2014.

¹¹ <<http://instagram.com/doidivana>> na linguagem da internet podemos seguir alguém, no twitter, instagram e facebook, por exemplo. A partir do momento em que clico no botão (virtual) “seguir”, passo a receber atualizações de tal usuário em minha página principal.

1- *Tem/teve algum diário, agenda ou caderno? (Continua a tê-los?)*

Sim, muitos. Perdi-os todos.

2- *Escreve primeiro no papel, no computador, ou direto no blog? Como é o processo?*

Direto no blog. Aliás, ando pra lá de preguiçosa. O facebook me roubou do blog. Quando tenho algo a escrever, escrevo no face.

3- *Que horário costuma postar mais? Precisa isolar-se?*

Pela manhã.

4- *Costuma alterar o texto depois de publicar no blog?*

Não.

5- *Revela segredos? De que tipo?*

Não. Só segredos de liquidificador.

6- *E salva esses escritos? No computador, imprimindo, salvando em hd externo...?*

Não.

7- *Relê o que escreve? O blog funciona para você como um arquivo de memória?*

Nunca releio. A menos que precise buscar uma coisa específica.

8- *Lê (e responde) os comentários no seu blog? Visita outros blogs? Comenta?*

Leio todos. Comento de vez em quando. Visito alguns.

9- *Tem preferência de que seu blog seja lido por amigos ou desconhecidos?*

Tanto faz.

10- *Reflete mais antes de postar algo mais íntimo por saber que há leitores?*

Embora não pareça, não posto intimidades.

11- O que acha dessa escrita íntima divulgada publicamente?

Coitado de quem a pratica.

12- O blog funcionou de alguma forma como um teste da escrita (e público) para os livros?

Não. A escrita do blog não tem nada a ver com literatura.

Anexo II – Postagens dos blogs

1: Outras Bagatelas – Inspiração

<<http://outrasbagatelas.blogspot.com.br/2007/05/inspirao.html>>

sábado, 5 de maio de 2007

Inspiração

Bagatelas

Eu dizia "apareça"

Quando apareceu, não esperava

Um dia me beijou e disse "não me esqueça"

Foi embora

E só esqueci metade

Que bom que eu não tinha um revólver

Quem ama mata mais com bala que com flecha

Ela deixou furo

E a porta que abriu

Jamais se fecha

Nada disso tem moral nem tem lição

Curto as coisas que acendem e apagam

E se acendem novamente em vão

Será que a gente é louca ou lúcida

Quando quer que tudo vire música?

De qualquer forma não me queixo

O inesperado quer chegar:

Eu deixo

E a gente faz e acontece nessa vida

Nessas telas

Nessas bagatelas

Adriana Calcanhotto

Postado por [Aline Miranda](#) às [13:07](#)

2: Diário de uma escritora preguiçosa – memória medicinal I

<<http://diariodeumaescritorapreguicosa.blogspot.com.br/2013/07/memoria-medicinal-i.html>>

segunda-feira, 1 de julho de 2013

memória medicinal I

sou difícil pra tomar remédio
uma época eu tomava vitamina
centrum
partia em três com uma faca
e bebia com iogurte
uma frescura só
na época do pré-vestibular
eu tomava um para memória
chamava memoriol
juro
minha mãe disse que desde bebê
fui fraquinha
imunidade baixa
toda hora doentinha
ela, jovem e em outra cidade
chorava, tadinha.
mamei pouco no peito.

Postado por [Aline Miranda](#) às [19:10](#)

3: Lettuce – pra marina

<http://lettuce.blogger.com.br/2008_07_01_archive.html>

22.7.08

[pra marina](#)

(esse texto é velho, achei que tinha perdido no meu arquivo infinito do fotolog, qual não foi minha surpresa quando não o achei solto num word da vida)



tinha uma risada esganiçada, que me irritava um pouco. mas era mais velha que eu, e já tinha colocado cigarro e outras coisas na boca, o que me causava fascínio. éramos primas e fazíamos tudo juntas. me provocava de uma maneira não explicativa, apenas sensorial. me concentro, fechando os olhos para que o mundo não me perturbe, e tento lembrar mais, sempre lembrar mais. vida interrompida de maneira bruta e imbecil. o que foi mesmo que ela disse naquele dia antes d'eu ter dado um tapa na cara dela? me viu fazendo teatro. teatrinho. do colégio. afirmou como prima mais velha, que aquilo seria minha vida. repetiu de ano. gargalhávamos com os mesmos dentes. meu dentista era o dela. a guerra no golfo, janeiro de 91. marina vai para as ruas de paralelepípedos de são pedro d'aldeia e começa a pular com fúria e bradar: guerra! guerra! quebrou o pé. me encantava a paixão pela independência, pela busca das experiências, pelo ineditismo, pela coragem. a última vez que nos vimos, estávamos num quarto de outra prima, eu, ela e um menino de um ano. brincávamos com ele, fazíamos cosquinha. observávamos o princípio da vida. perguntei seus planos para o aniversário, 4 dias depois. me contou das suas idéias. era branca, tão branca que tinha varizes faciais. morreu completando outra idade. envelheci 20 anos. após o ritual de enterro, fui ao cinema, dopada, não podia ficar em casa, não podia ficar parada, não podia existir depois. cogitei correr nua pelas ruas, mas eu ainda não tinha 18 e isso me soava difícil de explicar se me pegassem. percebi a sutileza e o silêncio da morte. fui atrás da paixão pela independência, da busca das experiências, do ineditismo, da coragem. tem um tempo. achei um caderno de perguntas, você sabe, aquele caderno com perguntas, todos respondiam. uma besteirinha. ela respondeu. com fome, lia todas as suas respostas, pois ali se fazia presente viva. era um telefonema. a pergunta de número 32 era: "você tem medo, de quê?" eu e minhas curiosidades acerca do ser humano. desde sempre. ela respondeu: de morrer cedo.

Flores que parecem nariz, do alto desse coreto, eu espero na escadinha, enquanto você caminha até mim. Talvez chova essa tarde. Cai a lua. Girassol.

lettuce 5:20 PM dizem até: 2

oh, darling. oh, my. chove. de cor azul.

Ah,line. | 31-01-2013 04:32:47

imprime. guarda numa caixa bem bonita. esse texto é tudo

anaclau | 23-07-2008 00:53:42

4: Néquédizer – Joana Rabelo

<http://nequedizer.blogspot.com.br/2011/05/blog-post_8474.html>

segunda-feira, 27 de fevereiro de 2012

fui criança de ir com estranhos
de sorrir para mendigos sem desviar de suas bocas banguelas..
e mesmo com todas as recomendações
um dia
um deles me levou pela mão
voltei só a noite
encontrei minha mãe aos prantos
meu pai silenciado

logo logo começaram a inspeção
viraram-me de cabeça para baixo buscando algo
concluíram cansados que eu estava inteira
com todos os dentes
todos os ossos
músculos intactos!

O estranho não me fez mal nenhum!
e houve um misto de alívio e decepção na minha casa aquela noite.

não sei explicar...

sei que passei a tarde na praia catando conchas com um homem
homem que sabia de cor o nome das estrelas...
senti que era raro um conhecimento assim
não lembro muito mais...

Não sei o que estou querendo dizer...

talvez tudo isso não passe de um grande preâmbulo para dizer nada...

talvez...

No quintal tinha um enorme flamboyant de flores vermelhas

eu passava as tardes caminhando nos galhos
caindo dos galhos

eu

a namorada dos meninos
a perturbada
o saco de ossos
a moleque macho
a menina macaco
a que mancava em cima de joelhos salpicados de merthiolate e mercúrio cromo...

Na minha rua nunca se decidiram bem sobre como me chamar
então eu fui esse monte de coisas
cheia de nomes

você também cuidou de me dar alguns
eu por minha vez
não pude deixar de te nomear muitas e muitas vezes

um nome é como uma casa, Menina.
eu quis te fazer habitar
mas você sempre escapava...
sempre
com uma pirueta
uma espécie de giro de 360 graus

Era incrível como que num simples golpe você conseguia se desfazer de todos eles
dos bons e dos ruins

acho que desaprendi a chamar.

como se fosse possível desaprender uma língua.
tenho que rir de mim!
tenho que rir todos os dias.
é o que me salva

Eu sei
as coisas não ficam claras
não vai entender
o porquê de eu ter fugido e voltado inúmeras vezes
acho que foi para não poder mais fugir e voltar inúmeras vezes
até que tivesse certeza

não. Certeza não é uma boa palavra.

Até me convencer.

Isso. Até me convencer que já era hora de voltar sozinha para casa.
e verificar eu mesma se estava inteira

e o que sei agora
é que não importa muito como se volta
fica sempre esse misto de decepção e alívio
fica sempre algo que não se deixa ser dito....

acho que ainda sou criança de ir com estranhos

Postado por Joana Rabelo às 11:32

Marcadores: contes de printemps

6 comentários:



Kavita Kavita disse...

Caracoles! Isso eh uma obra prima!



Rafael Rodrigues disse...

Adorei!!!



asth disse...

“um nome é como uma casa” ← isso é delicioso!



Aline Miranda disse...

oana, muito bom!

sei que não se deve confundir criador e criatura, mas mesmo te conhecendo
adolescente consegui imaginar-te criança peralta.

sim, decepção e alívio são as palavras.

que orgulho ser sua amiga.

que você continue indo com estranhos mas sempre saiba a hora certa de retornar.

clarissa campello disse...

uma obra-prima!

11 de julho de 2011 11:40

Anônimo disse...
 O melhor de todos q já fez!
 Maravilhoso!
 Bjos !
 Att.
 Carlos Sarmento!

5: Donzelize – meus sobrinhos não se conhecem

<<http://donzelize.blogspot.com.br/2013/04/meus-sobrinhos-nao-se-conhecem.html>>

meus sobrinhos não se conhecem

um está em londres, o outro em nova iguaçu, a vida não permitiu ainda um encontro.

quando rolar, sei que terá um eclipse.

total eclipse of the heart.



eu soube que o raphael viria ao mundo no dia do meu aniversário. bernardo me deu de presente isso "você vai ser tia", eu fiquei tão feliz, poxa. ele seria leonino, que nem o pai, que nem a mãe, uia. o rafi nasceu na inglaterra, meu celular pipocou 5 da manhã com a notícia, eu chorei e tudo. passamos 1 ano numa relação no skype. no início ele só olhava com cara de espanto, depois começou a mexer os braços, dar um sorrisinho pra tela, aos poucos ele foi entendendo que a gente morava ali no computador. eu vi o rafi pela primeira vez na vida, 1 ano depois. era julho. foi tão emocionante. ele parece ter me reconhecido. o que eu lembro do rafi é bebê é muito lindo. ele suspirava. nunca vi neném suspirar. ele fazia. era tão poético. o rafi ficou 7 segundos em pé sozinho comigo. tenho até vídeo para comprovar. foi lindo quando eu fui à inglaterra e passei com ele por lá também. a gente foi muito à praia aqui no rio, daí quando ele voltou para londres, meu irmão fez um passeio com ele pelo litoral, quando ele viu o mar, ele falou "TIA, TIA". eu chorei pra dedéu, claro. agora ele já vai fazer 5, tem tempo que a gente não se vê fisicamente, mas eu sonho com ele e rezo pro anjinho da guarda dele sempre. pelo skype, eu vou vendo a evolução, do corpo, da fala, vai ser tão bonito esse rei, ô meu deus. meu primeiro sobrinho. amor amor amor amor amor.



eu sabia que o pedro seria escorpião. e eu disse à minha cunhada para ele nascer tal hora para ter o ascendente em peixes. eu determinei mais água pra ele. ou era peixes, ou áries. e como a vovó do pedro é peixes, e o pai tem lua em peixes, determinei. disse "marca para 14h", já era cesárea mesmo. o pedro demorou a gostar de mim. cada dia era um parto. quando bebê, ele pirava mais com as caretas da tia, as cores e as sensações, como ficar tocando nas plantinhas do quintal da vovó. daí ele foi crescendo e estranhando tudo. scorpio, peixes, mas uma lua em aquário bem loucona que vai livrá-lo de tanta água, de tanto apego. a lua sempre salva. ou ferra. eu ia na casa dele, e ele "não". não, nãããã. eu quase chorava. eu cheguei a pensar com minha mãe se ele não era autista, sociopata ou algo assim. tola. ele só tinha que se sentir bem. ele só precisava de tempo e calma. o pedro agora já fala "tia" e "tisha", já temos dois segredos que não posso contar porque um dia ele vai saber ler e eu vou mostrar isso pra ele e aí ficaria chato, né? segredo é segredo. eu gosto muito de pegar umas pedras de cristais que minha mãe tem e brincar com o pedro. pedro e as pedras. ele também gosta. parece que se energiza. é lindo. amo esse bolota que agora já tá ficando magrelo. meu segundo sobriño, meu príncipe. amor. amor. amor. amor. amor.

Postado por letrúcia às 05:59

Um comentário:

[Aline Miranda](#) 16 de abril de 2013 10:07

ai, que lindo!
que vontade dá de ter sobrin.
sombriinha pra proteger da vida =)
nunca vi bebê suspirar, que encanto.
tia = mar. ahhh
pedro é um nome lindo, já pensei prum filho, pq acho difícil nome de menino, mas esse era o nome do meu primeiro boneco-bebê da vida (que ainda existe!!rs)
nunca tinha pensado nisso de tentar escolher ao menos a hora do nascimento.
creio que minha lua me salvou, pois. ;)
beijos pros três

6: LINKILLO – ¿Por qué empezaste a llevar un blog?

<<http://linkillo.blogspot.com.ar/2005/01/por-qu-empezaste-llevar-un-blog.html>>

jueves, 20 de enero de 2005

Por qué empezaste a llevar un blog?

Se pregunta, nos pregunta, [Gabriela](#). Lo que nos reclama, sabiamente, es un ensayo (matutino) sobre el método. En mi caso, es como si me preguntaran por qué escribo, por qué empecé a escribir. Naturalmente, empecé a escribir por presión (o demanda) institucional. No sólo ejercicios escolares del tipo "Sonia asea la sala" sino, como conté en [La clausura de febrero y otros poemas malos](#), poemas para festividades escolares (a cambio de los cuales obtenía "privilegios"). A partir de ahí, todo fue experimentación. Cuando las "escrituras on-line" se desparramaban por el mundo como una epidemia viral (y al mismo tiempo que las epidemias virales) yo estaba entusiasmado en pensar la relación entre escritura y nuevas tecnologías (en la estela benjaminiana, naturalmente). En Brasil, donde los blogs se siguen como telenovelas desde mucho antes que en Argentina, interesaron [mis hipótesis](#) y allí me hicieron conocer las "[biblogtecas](#)" y la "blogger revolution" que hoy son el pan nuestro de cada día. Cuando me enteré de que un representante de la más rancia cultura letrada como [Guillermo Piro](#) tenía un blog me decidí a inaugurar el mío, sobre todo porque ligaba bien con la ética de la literatura (como experiencia) que yo venía sosteniendo: diarios, o fragmentos más o menos falsos de diarios, [ya había publicado varios](#). ¿Por qué no hacerlo on-line? Empecé, pues, con un diario de viaje (siempre es más cómodo remitir a los amigos a una dirección electrónica que andar contando en cada correo electrónico las mismas nimiedades). Vuelto de ese viaje más o menos mágico (en realidad, fue un viaje de trabajo, pero entre la magia y el trabajo yo no sé bien qué diferencias hay) [Andi Nachon](#), que había venido siguiendo mis peripecias italianas, me pidió el texto para la instalación "Algún jueves, un domingo. Usted está aquí" que estaba preparando. Como me parecía chanta republicar algo ya leído (al menos, en mi imaginación) por todo el mundo, le propuse a [Sebastián Freire](#) que armáramos un libro en conjunto y así surgió [Diario de un recién casado](#), que fue expuesto primero junto con el grupo Suscripción y después en la Feria de Libros de Fotografía del Espacio Ecléctico. Alberto Goldenstein tuvo la generosidad suficiente como para ver en ese libro [una muestra](#) para la Fotogalería del Rojas, que dirige. Allí fuimos. Entre unas cosas y otras (mis cursos en la UBA, el suplemento que dirigí hasta su desaparición, la publicación de [mi segunda novela](#)), no tuve mucho tiempo para seguir alimentando el blog. Cuando resultó que tuve un poco más de tiempo, una vez más, fue Piro quien me puso ideas en la cabeza y me esclavizó a blogolandia (decir "blogosfera" me resulta, todavía, un poco petulante). Hace unos días, una lectora fiel me felicitaba y se asombraba por mi productividad diaria. En verdad, debo confesar que lo que hago ahora es republicar (con pequeñas variaciones) los textos que ya salieron en diferentes medios pero que, por una razón o por la otra, no están en la red. Agregó, cada tanto, cosas nuevas (después de todo, no he dejado de vivir, ni de leer, ni de escribir, ni de complicarme la vida con proyectos que, siempre, siento que están fuera del alcance de mi fuerza y mis posibilidades). Sí, hago del blog una "central de operaciones", un "motor" de escritura. Naturalmente, mi curiosidad me ha llevado a descubrir sitios, prosas, problemas y (tal vez) autores que ligan bien con mis preocupaciones. Otro lector se refiere a este espacio como "La casa del gran agitador". Buah. Sea. En todo caso, la ventaja de un blog respecto de otros medios (los diarios, las revistas), es que uno puede agitarse como loco sin tener que responder a compromisos ajenos (espurios). Un poco por eso (y porque realmente me fastidia la incompetencia y la mala fe de nuestros gobernantes, sobre todo los municipales) es que vengo agitándome contra el alcalde y sus secuaces. Otras secciones más o menos fijas de mi bitácora son "Diario de un televidente", "Galería" y "Fan Club". Las dos primeras son bastante obvias. La tercera está dedicada por entero a César Aira (como chiste, pero también como homenaje). La "Correspondencia" que publico es, naturalmente, muy parcial, lo mismo que las "Conversaciones". En "Papeles viejos" voy publicando algunas páginas que encuentro en mis archivos pre-computadora. ¡Oh, la digitalización del mundo! Experimento, investigo, curioso. Como le pasa siempre a quienes escriben diarios, mientras tanto me transformo. Después de todo la primera etapa de mi bitácora fue un diario de viaje que recién cuando se transformó en libro adoptó un título ("Diario de un

recienasadado") que me obligó a responder al significante. Antes del blog, podría decirse, yo era una máquina sino célibe, al menos soltera.

Mme. Oswald, la madama del prostíbulo cultural, me recrimina que confundo lo público y lo privado. Tiene razón, salvo en un punto: la confusión no es mía, sino de la época. Que se quede ella con sus sucios secretitos. Yo prefiero decirlo todo. Lo que no es adecuado hacer público en una clase o no cabe en un libro... pues bien: aquí está.

Publicado por Daniel Link a las [1:04 p.m.](#)

3 comentarios:

Anónimo dijo...

ok...contá todo !! exponete mostrate al natural,no, mejor sé natural sin secretitos,ja!

contá uno...dale!

Cuál es la real necesidad de contarlo todo ?

la intimidad existe para vos?

insignificante dijo...

daniel, haz escuchado a kayne west "college dropout"? trabajas en una universidad...bueno creo que este album te serviría para reflexionar acerca de la juventud en su paso por instituciones...de la escuelita al trabajo...y la educación, la PAIDEIA, daniel, la padeia..te lo dice un bárbaro...

Marcela dijo...

Daniel, estoy pasando este primero de mayo escribiendo un trabajo sobre vos.... Tema "El yo recurrente en la obra de Daniel Link". o tal vez "La verdad en D. L".... Quién sabe!!!! Te voy contando cómo queda. Un beso y me encanta tu blog, no solamente por ser estudiante de letras, sino por la frescura....y tantas cosas!!! Besos

7: Generación Y – Día Del Maestro

<http://lageneraciony.com/dia-del-maestro/>

Día del maestro



Foto: Orlando Luis Pardo Lazo

Anoche, una vecina tocó a la puerta; eran cerca de las diez. Su nieto debía llevarle un regalo a la maestra y la señora buscaba papel de colores con que envolverlo. En algún lugar nos quedaba un pliego pintado con florecitas lilas, que resultó suficiente para cubrir un par de jabones y un creyón

de labios. Hoy, el niño salió orondo, con el presente en las manos, hacia una escuela donde la música sonaba desde temprano en los altavoces. El día del educador ha sido, desde siempre, una gran fiesta en todos los colegios cubanos, un momento para que los estudiantes agasajen a los profesionales de la enseñanza. Sin embargo, no son tiempos para celebrar demasiado ni para tapar con conmemoraciones la situación actual de este importante sector.

La "alta calidad de la educación cubana", que tantos en el mundo han enarbolado, es un espejismo que no logró prolongarse más allá de los años ochenta. Mantenido desde el Kremlin, esta Isla llegó a exhibir una infraestructura docente que nada tenía que ver con sus reales posibilidades económicas y productivas. Como si un hombre enclenque y sin dientes poseyera un brazo digno del más fornido fisiculturista. Esa desproporción -entre lo que disfrutábamos y lo que realmente podíamos permitirnos- quedó en evidencia cuando el subsidio soviético se cortó y las escuelas del país entraron en una profunda crisis de la que aún no se recuperan. Una crisis que no sólo incluye el deterioro físico de los locales y de las aulas, sino también la pérdida de calidad docente y la devaluación ética y moral de la educación.

En el centro del problema: el maestro, que pasó de ser un profesional respetado a quedar en los últimos peldaños de la escala laboral. Los experimentos de formar pedagogos emergentes empeoraron la situación y hoy es común encontrar impartiendo una clase de español a alguien que no sabe la diferencia entre "literal" y "literario". El exceso de ideología, el maniqueísmo a la hora de ilustrar la propia historia nacional, el recorte de la creatividad y del espíritu crítico, se inscriben entre las tantas características negativas que muestra hoy la educación cubana. Sin embargo, a pesar de todo eso, todavía quedan profesores que sobresalen en sus claustros por realizar su labor con dedicación y excelencia. Educadores a quienes los bajos salarios, el colapso material, la mediocridad circundante y la intromisión de la política en su trabajo, no les han quitado los deseos de enseñar. A ellos, muchas felicidades en este día.

Last updated by [Yoani Sánchez](#) at 4. enero 2013.

Licenciada en Filología, periodista por vocación e informática por pasión, trato de narrar la realidad de Cuba en este blog. Vivo en La Habana y espero que un día la libertad y el respeto a los derechos humanos se instalen definitivamente en nuestra Isla.

diciembre 21st, 2012 | [717 comentarios](#) - **(Comentarios cerrados)** ,  [Imprimir](#)

8: Outras Bagatelas – Numa tarde dessas...

<http://outrasbagatelas.blogspot.com.br/2007/05/numa-tarde-dessas.html>

segunda-feira, 7 de maio de 2007

Numa tarde dessas...

Senti a angústia e fui pra praia.

Sentei, chorei, pensei, escrevi, fotografei.

O resultado está aqui:



Pés agitam-se na fresca areia.

O escuro do esmalte ora surge por entre flocos cinzas tão finos.

Uma nuvem sozinha cobre o topo do Corcovado e aos poucos vai se modelando em dragão...uma vovó dragão!

Do outro lado, observo:

Um barco a vela que se vai, rápido;

A cidade aos pés do Cristo - que parece estancado, inerte, de tão cinza;

O sol que através da lente pinta um rosa assim degradé no céu enquanto se põe...

E tantos andares me circulando. Cada quadradinho, uma vida, seus problemas, incertezas e tristezas. O cotidiano maçante, as crianças que voltam do colégio, a maçã que a boca morde, tv e cama.

E me volto a mim.

O que vale? O que realmente vale na *minha* vida? O que *eu* dou valor e acho prazeroso *para mim*?

Pelo quê posso me dar ao luxo de chorar?

E sorrir?

O mar agitado parece querer engolir meu corpo, pés, bolsa, com alma e tudo. Assusta.

Mas a espuma é tão branca...

E um raio de luz, escondidinho no meio da espessa nuvem que anuncia chuva, me diz:

_ Aline, é preciso seguir.

E fim.

21 de março de 2007

Final de tarde na Praia de Icaraí.

Postado por [Aline Miranda](#) às [00:06](#) 

4 comentários:

[Aline Miranda](#) disse...

"porque minha melhor companhia sou eu"

[7 de maio de 2007 01:00](#)

[GiGi](#) disse...

oh meu Deus, que coisa bonita, menina! Gostei muito! Da foto e dos escritos! =)

Qndo eu crescer quero ser que nem vc! hahahahaha...bejins

[7 de maio de 2007 08:57](#)

[shoemate](#) disse...

Benvinda ao blogspot, novas bagatelas!

[7 de maio de 2007 09:42](#)

[isabel](#) disse...

ois !! Eu lí esse seu texto !!Menina q lindo !! Tem gente q nasce com voz de veludo, outros possuem um ouvido absoluto, mas vc nasceu com o dom que ,para mim, é um dos mais incirveis!! Vc veio poeta! escreve maravilhosamente , naturalmente e simpismente BEM!!

beijos de quem comprará muitos livros seus!
bela

[8 de maio de 2007 00:10](#)

9: Para Francisco – O livro e a máquina

<<http://cartasparafrancisco.wordpress.com/2013/07/09/o-livro-e-a-maquina/>>

9 DE JULHO DE 2013 - O LIVRO E A MÁQUINA



Deitado no meu colo, ouvindo alguém falar sobre choro na TV:

– Sabe como se escreve chorar, Mamãe? Cê, agá, ó, érre, á, érre.

– Isso mesmo, filho.

Paro pra pensar no quanto o mundo se multiplica para quem aprende a ler e escrever.

– Você sabe que escrevi um livro pra você, filho?

– Escreveu??? Cadê?

Eu me levanto para buscar o livro.

– É o Para Francisco?

Eu confirmo. Você pega a capa e lê devagarzinho a cinta que envolve o livro:

– Mais-que-um-li-vro-so-bre-o-a-mor. Um-li-vro-es-cri-to-por-a-mor.

Abro o livro e sugiro que você leia a dedicatória:

– Para Francisco. Para Guilherme. E se a gente construísse a máquina do tempo, eu ia encontrar meu pai Guilherme, né, Mamãe?

Talvez o livro seja isso, filho. Uma espécie de máquina do tempo.

17 COMENTÁRIOS

Fernanda Pinacio disse:

Que momento espetacular e simples ao mesmo tempo. É meu livro preferido há anos, e há anos espero o momento em que o pequeno Francisco tomaria também

conhecimento dele. 😊 Impossível ler e não pensar em como seria quando isso acontecesse...Aconteceu!

Clara disse:

Tomei conhecimento da sua história durante a minha gestação. Me emocionou muito. E inspirada em vocês fiz um blog pro meu Francisco. Hoje ele completa um ano. Acompanho suas postagens sempre e fico pensando na beleza da honestidade que você tem com o seu Francisco...talvez por isso ele se comunique assim, com toda essa poesia. Meus melhores sentimentos para vocês.

Maísa Borghetti disse:

Eu lia o blog, o primeiro. Li tudinho desde o primeiro texto.. Mas o tempo passou, a faculdade tomou todo o meu tempo, e hoje resolvi entrar no google e saber como está o Cisco, ele cresceu.

Não o conheço, mas a cada história que leio fico feliz em saber que se tornou um menino esperto, e parabeno você pela forma que escolheu de desabafar e assim contar ao Cisco como tudo começou. Um dia ele vai te parabenizar também. Lembro do dia do lançamento do livro, era outra vida. Que bom que está dando tudo certo. Até logo.

10: Lettuce – Nasceu

<http://lettuce.blogger.com.br/2008_07_01_archive.html>

31.7.08

NASCEU

Oi sobrinho, são quase duas horas da manhã aqui no Brasil, você acabou de nascer e eu não posso te ver. Mas sabe? Tudo bem. Você chegou no futuro, saiba disso. Vamos nos ver um bocado por uma tela que se chama computador, até que possamos um dia nos ver ao vivo. Esse dia vai ser chato pra você, porque eu vou te dar muitos, muitos abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim. Você nasceu, você chegou e agora há mais um ser humano no mundo que eu amo. Que bom! Te imagino meio roxo, cabeludinho, meio espetado. E você é inglês, sobrinho! Que chic. Mas não esquece de ir ao dentista. *Inside joke*, rá! A tia é assim mesmo: random. Seu pai talvez não me deixe sozinha com você. Acho besteira pois acho que podemos viver muitas coisas juntos. Caramba! Como eu já te **amo tanto** e você acabou de chegar nesse planeta. Você nasceu no verão daí, menos mal. Seus aniversários vão ser de dias bonitos. Eu queria que você se chamasse Benjamim. Diz isso para os seus pais. Faz cara de Benjamim, faz! Vamos passear um bocado, vou te levar numa praia e fazer o maior castelo de areia que você já viu. Sobrinho sem nome, eu não sei se vou ter filho, espero que sim, e espero que vocês brinquem muito de Gato Mia ou *The cat meows* ou *whatever*. Mas vamos tentar falar português. Você ainda vai demorar 7 anos para ler essa carta. *Holly smokes!* 7 anos! Toda uma vida pra acontecer aí. Espero estar sempre perto mesmo quando não. Já vi que vou ser babona, então derramo por hora, por aqui. Por essa fantástica via de comunicação que nos será muito útil no futuro. Prometo não passar

arquivos chatos em pps de tia velha. Depois explico o que é pps, não vai ser do seu tempo.

All of my love, futuro Benjamim. *Hope so*.

Tantos beijos,
Tia Lelê.

lettuce 11:10 AM
dizem até: 4

Extra: Linkillo – Letra chica y parada grande

<<http://linkillo.blogspot.com.ar/2013/10/letra-chica-y-parada-grande.html>>

martes, 15 de octubre de 2013

Letra chica y parada grande

por Lux para [Soy](#)

Invitada a la Marcha del Orgullo Gay de Río de Janeiro, Lux no se da cuenta de los signos que el destino le envía, para que se de cuenta de sus equivocaciones, y termina eléctrica, a los tumbos, manoteando paquetes.

Escribo, ya, para las jóvenes generaciones, para que aprendan de mis errores. Rosita me reenvía, porque ella no va a poder asistir, un billete electrónico endosado donde leo Galeao. Pienso en Río, en el Pão de Açúcar (que yo pronuncio "pau", porque me parece más insinuante), en los garotos de la praia y me mojo.

Armé un bolsito así nomás, porque el asunto era asistir a la Marcha del Orgullo Gay carioca y me tomé el 55 (estaba en San Justo, por asuntos que no puedo contar ahora) y después el 8. Por supuesto, chicas: me había equivocado de aeropuerto y me tuve que gastar los únicos pesos que tenía en un taxi que me dejara en Aeroparque a punto para el embarque.

Entre el miedo de perder el vuelo y la excitación, apenas me senté me entregué a los brazos de Morfeo (otros brazos más atractivos no había a la vista, lo confieso). Antes de aterrizar, [me fui al baño y me hice una foto sin ropa que es la últimísima moda de internet](#). Cuando el avión empezó a bajar y vi la bahía de Guanabara suspiré profundamente, me arreglé el pelo y me pasé el dedo por el sobaco para ver si necesitaba desodorante. No, estaba todo en orden.

Bajé casi corriendo, con el voucher del hotelito, que ni había leído, y le pregunté a un negrazo vestido de uniforme qué colectivo me deya lá. Imposible fue que nos entendiéramos porque el negrazo no era local, sino una loca que había venido de vacaciones, pero se ofreció a llevarme en su taxi hasta la Praça 15 (de Novembro), y que ahí me arreglaba. No me habló en todo el viaje.

En la Praça 15 me enteré de que mi hotelito quedaba en Niterói, del lado de enfrente de la Bahía, y me puse en la cola de la barca que la cruza por 4 reais. La tarde estaba preciosa, pero fresca, así que cuando me acodé en la borda, se me puso la carne de gallina, pero nada me importaba porque iba a desfilarse en Copacabana, ¡en pocas horas!

En el hotel me esperaba un balde de agua fría: la Parada Gay para la que me habían convocado (bah, a la que Rosita, la malvada, me había mandado) era la de Niterói, que sucede una semana antes que la de Copacabana. Intenté protestar pero qué iba a hacer: la culpa era mía por no haber leído la letra chica de la convocatoria. Me subieron a un camión que ya estaba doblando por la

Beiramar de la prainha de Icaraí, con mi querido Pão de Açúcar, el Corcovado y la copita-museo de Niemayer allá en el fondo... Casi se me cae una lágrima de decepción pero me calcé las calzas y empecé a sacudir mis cadeiras rioplantenses al ritmo de una electrónica berreta pero con tantos bajos que te abrían de par en par los orificios todos. No escuchaba nada y, en extasis, devoraba con los ojos la multitud bajada de los morros, los negrazos ebrios, las tetotas de gym, los culazos sin género (es decir, degenerados) que me llamaban y me invitaban a una larga noche de lujuria (la Paseata empieza a las 15, pero no termina hasta el otro día, o mejor: termina la caminata, pero la joda no se interrumpe más).



Como no escuchaba nada, interpreté mal los gestos que me hacían los otros partiquinos del camión, pensando que me vivaban y seguí bailando, dando vueltas sin ton ni son en mis tacones. Pero no: querían advertirme que el camión (gigantesco) se acercaba fatalmente a los cables de alumbrado y, como no los vi, me arrastraron al techo del camión primero y luego me lanzaron a la vereda tropical de Icaraí, con tanta mala suerte que, además del shock eléctrico y el golpe, fui a caer justo delante de un pastor que había montado su contramarcha y que me usó como ejemplo de lo que le espera a quienes tuercen los destinos del Señor. Por supuesto, nadie le hacía caso y ya los cuerpos se frotaban los unos contra los otros en una danza colectiva y obscena de la que me excluían por mi accidente.

Desde una silla de ruedas, medité: podrían morirse todas las locas del mundo, de golpe y sopetón, pero siempre estará Río, para proveer. Y empecé a manotear los paquetes que me ponían a tiro.

(continuará...)

Etiquetas: [Diario de viajes](#) Publicado por Daniel Link a las [9:30 a.m.](#)

1 comentario: [Aline Miranda](#) dijo...

Link, que malo todo eso!

Pero me reí mucho al inicio del texto, confeso. Y no miraste que era Niterói!! Wow!

Soy de Rio y estoy en Rosário en intercambio de maestria, y vivi en Niterói durante mi facultad de Letras.

Incluso fui a una parada gay de niterói en el "trio eléctrico", y yo estaba "toda prosa", de anteojos oscuros (de sol) y por poco no miré también los cables. Eso es MUY peligroso!

Una chica murrió por eso,sabés? :(

Bueno que estás bien!

Saludos,

Aline. [2:54 a.m.](#)